

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar.**
Campinas, S.P.: Papyrus, 2000.

Elizeth Rezende Martins da Silveira

Mestre em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Rosa Maria da Silva

Mestre em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Rubem Alves, nascido em 15 de setembro de 1933, em Boa Esperança (MG), formado em Teologia pela Faculdade de Teologia do Seminário Presbiterano de Campinas (SP), mestre em Teologia pela Union Theological Seminary, doutor em Filosofia (Ph.d), foi professor titular na Faculdade de Educação da UNICAMP.

O livro intitulado “A alegria de ensinar” é composto de 93 páginas. Possui linguagem acessível e poética e tem como propósito levar o leitor a refletir sobre a profissão de docente.

Inicialmente, o autor aponta que a “alegria está no jardim que se planta, na criança que se ensina, no livrinho que se escreve” (p. 10). Conforme o autor, a profissão de professor é como uma mulher que dá a luz, pois o sofrimento de ser um professor é semelhante ao sofrimento das dores de parto. A docência, na sua análise, não deve ter aposentadoria, pois ninguém deseja se aposentar daquilo que lhes traz alegria. O autor conta a história de Zaratustra que vivia isolado até que sentiu a necessidade de transmitir todo o conhecimento adquirido no isolamento “Ela não pode conter aquilo que recebe. Chegou a hora de uma alegria maior a de compartilhar com os homens a felicidade que nele mora. Seus olhares procuram mãos estendidas que possam receber a riqueza” (p.12) outros os conhecimentos acumulados “O mestre nasce da exuberância da felicidade. Por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou pastor da alegria” (p.13).

No segundo capítulo, a “escola e sofrimento” o autor conta que há nas escolas duas classes “uma classe dominante e uma classe dominada: a primeira, formada por professores e administradores, detentora do monopólio do saber; e a segunda, formada pelos alunos, que detém o monopólio da ignorância, e que deve submeter o seu comportamento e o seu pensamento aos seus superiores, se deseja passar de ano (p.15). O autor nos fala que “Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram



abolidos, mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender”. (p.18)

No que se refere ao método de avaliar o ensino, o autor nos relata que “métodos de avaliar a aprendizagem, baseados em seus resultados, classificam os alunos, mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal”(p.18). Para ele, a “alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos (p.18), por isso pede aos professores que sejam pastores da alegria “Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: “Por favor, me ajude a ser feliz (p.19)”. ”

No terceiro capítulo, assim denominado “A lei de Charlie Brown”, conta que resolveu “fazer uma limpeza na papelada que acumulou no passado – Um monte de pastas, cheias de anotações, ideias para o uso futuro”(p.21) – e encontrou uma das tirinhas do Charlie Brown “Ele está explicando ao seu amiguinho a importância das escolas. Sabe por que temos que tirar boas notas na escola? Para passarmos do primário

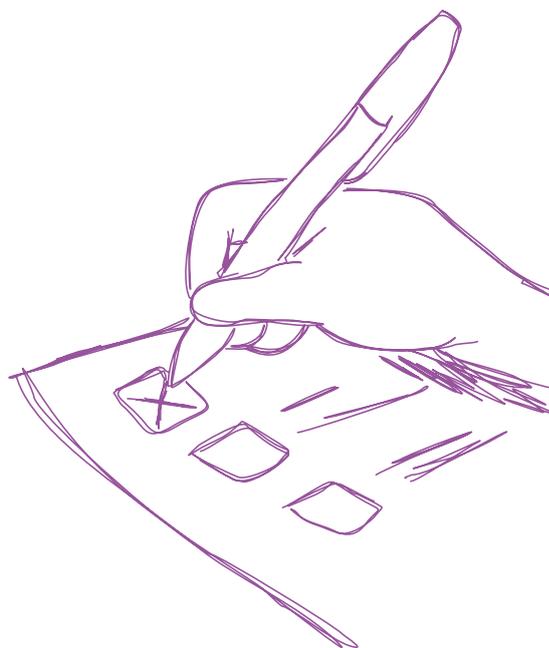
para o ginásio. Se tirarmos boas notas no ginásio, passamos para o colégio e se no colégio tirarmos boas notas, passamos para a universidade, e se nesta tirarmos boas notas conseguimos um bom emprego e podemos casar e ter filhos para mandá-los à escola, onde eles vão estudar um monte de coisas para tirar boas notas. Ele diz, de um só fôlego, aquilo que os filósofos da educação raramente percebem. E, se percebem, não têm coragem de dizer” (p.22). Segundo Alves (2000), o que a educação realiza é “um treinamento brutal, com o propósito de preparar vastos números de jovens, no menor espaço e tempo possível, para se tornarem usáveis, a serviço do governo” (p.23). Para o escritor, as escolas são comparadas às máquinas e, é precisamente, quando a máquina é mais eficiente que a deformação que ela produz de forma mais acabada(p.24). Ele nos fala sobre os exames de vestibular e do que é ensinado para os alunos que irão realizar os exames “dentro de pouco tempo quase tudo aquilo que lhes foi aparentemente ensinado terá sido esquecido não por burrice, mas por inteligência, o corpo não suporta carregar o peso de um conhecimento morto que ele não consegue integrar com a vida” (p.24).

No quarto capítulo, intitulado o “boca-de-forno”, faz uma comparação do modo de ensinar baseado em decorar com a brincadeira denominada boca de forno em que uma pessoa fala e as outras vão repetindo o que foi dito. Para ele, isto é uma repetição do que acontece nas escolas. As crianças são ensinadas. Aprendem bem. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se incapazes de dizer o diferente” (p.28). A educação frequentemente cria antas; pessoas que não se atrevem a sair das trilhas aprendidas, por medo da onça. De suas trilhas sabem tudo, os mínimos detalhes, especialistas (p,31).

No quinto capítulo, intitulado “o sapo”, o autor conta a história de um príncipe que foi enfeitado por uma bruxa porque acreditou nas palavras dela que lhe disse que, a partir daquele momento, ele seria um sapo. Ele, sem questionar, acreditou e passou a agir como sapo “olhou fundo nos olhos dele e disse: você vai virar um sapo. Ao ouvir essa palavra, o príncipe sentiu uma estremeção. Teve medo. Acreditou. E ele virou aquilo que a palavra de feitiço tinha dito” (p. 33). A “aprendizagem é assim: para aprender de um lado há que se esquecer do outro. Toda aprendizagem produz o esquecimento” e que feitiço acontece quando uma palavra entra no corpo e o transforma. O príncipe ficou possuído pela palavra que a bruxa falou. Seu corpo ficou igual à palavra. (p.34). Para ele, aquilo que cada um de nós não corresponde a sua natureza real, pois, segundo ele, “eu sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim”. Meu corpo é resultado de um enorme

feitiço. E os feitiços foram muitos” (p.35). E que o “corpo aprendeu as palavras que lhe foram ditas, ele se esqueceu de outras que, agora, permanecem mal...ditas...” (p.35). Relata ainda que, para que seja realmente originais, devemos esquecer o que os outros nos disseram “É preciso esquecer para se lembrar. A sabedoria mora no esquecimento” (p.37). Para ele, “uma bela imagem para um mestre! Uma bela imagem para o educador: fazer esquecer para fazer lembrar!” (p.37).

No sexto capítulo, intitulado “sobre vacas e moedores” traz uma reflexão sobre o modo como a vacas pastam tranquilamente. “Nada querem fazer, além de comer o capim verde. As vacas fazem sonhar, parecem estar em paz com a vida – muito embora o seu destino possa ser trágico. Não por causa delas, mas por causa dos homens que pouco se comovem com seus olhos mansos (p.40)”. Estabelece uma comparação das vacas com a crianças que são inicialmente calmas tranquilas e, com o passar dos anos, pela influência da escola passam a ser enquadradas e educadas para serem um ser comercialmente útil “um açougue é o lugar onde a mansidão bovina é transformada em utilidade comercial” (p.41). Ressalta também que “as crianças são seres oníricos, seus pensamentos têm asas”. Sonham sonhos de alegria. Querem brincar. Como as vacas de olhos mansos, são belas, mas inúteis. E a sociedade não tolera a inutilidade. Tudo tem de ser transformado em lucro (p.42). Para o escritor, a formatura dos alunos “é isso quando todos ficam iguais, moldados pela mesma forma” (p.43).



No capítulo seguinte do livro, cujo nome dado foi “eu, Leonardo”, relembra que, quando criança, ao desmontar um relógio, não conseguiu remontá-lo “eu me esqueci da ordem em que as peças deviam ser ajustadas”. Meus pais, ao invés de ficarem bravos, ficaram orgulhosos, pois viram no meu ato uma inegável vocação para a engenharia (p.46). Relata com este fato que, apesar do interesse inicial de uma pessoa por uma atividade ou profissão, às vezes as circunstâncias da vida acabam lhe levando para outra área do conhecimento “a vida nos conduz por caminhos não previstos” (p.46). Ressalta sobre a empresa “IBM é uma das mais altas e perfeitas manifestações do espírito tecnológico. Tudo que ela faz é (quase) perfeito (p.47). Faz uma suposição de como seria se Leonardo Da Vinci um dos maiores gênios da humanidade. Eu, Leonardo... mete inquieta, incontrolável, indomável, dominada pelo fascínio do mundo (p.47)” trabalhasse na IBM. lança o “se o Leonardo Da Vinci tivesse vivido hoje, será que ele teria conseguido um emprego na IBM?(p.49)” O cientista deve abandonar a sua imaginação divagante que o leva a andar pelos caminhos do seu próprio fascínio e tornar-se uma função dos objetivos determinados pelos interesses da instituição que o emprega (p.50). Quanto ao Leonardo Da Vinci, deverá se contentar em ficar desempregado. A lagarta que está no casulo para ele o corpo “é o lugar fantástico onde mora, adormecido, um universo inteiro... como na lagarta mora adormecido uma borboleta, uma lagarta, como nos sapos moram príncipes sapos, como em obedientes funcionários que fazem o que deles se pedem (p.54).

No oitavo, intitulado “lagartas e borboletas”, traz uma comparação do corpo com as palavras, pois “as palavras são entidades mágicas, potências feiticeiras”. “Nossos corpos são feitos de palavras” (p.54). Mas a palavra tanto pode invocar príncipes quanto sapos, tanto pode acordar borboletas quanto lagartas. A educação pode ser um feitiço que nos faz esquecer o que somos, a fim de nos recriar imagem e semelhança de um outro (p.55).

Na nona seção, “Bolinhas de gude”, Rubem Alves diz que a melhor forma de sonhar é ver uma criança brincar e relata: “Meus pensamentos ficam leves como bolhas de sabão” (p.59). Para ele, os sonhos são, de fato, nada mais que loucas e insignificantes perturbações do sono. Conforme ele, o mundo da infância é o reino perdido, o universo mítico em torno do qual gira toda a existência humana. Toda a vida adulta é uma negação da infância.

No décimo módulo, intitulado “um corpo com asas”, o autor compara a descoberta das palavras com as borboletas ao sair do casulo. Conforme sua concepção, as palavras nos dizem que estamos destinados a voar, a saltar sobre abismos, a visitar mundos inexistentes.

Na décima primeira seção, Rubem Alves aponta que, ao encontrar suas antigas bolinhas

de gude, “junto com as bolinhas de gude moro eu, menino que só existe como saudade. De todas as gavetas, acho que essa é a que mais se aparece com a nossa cabeça, baú entulhado com memórias de felicidades que tivemos” (p.72). Para ele, a felicidade é brincar e a única finalidade do saber é permitir que a criança que mora em nós continue a brincar. Ainda segundo ele, “pelo poder da palavra ela é capaz de brincar com coisas ausentes” (p.75). Ressalta que ao aprender a brincar com as palavras, ela aprendeu a brincar com coisas que não existem. E ao aprender a brincar com coisas que não existem aprendeu a pensar! O professor é aquele que ensina a criança a fazer flutuar suas bolinhas de vidro dentro das bolhas de sabão. Tudo o que é pesado flutua no ar. (p.76).

Na décima segunda seção, intitulada “As receitas”, o escritor fala sobre a importância das ideias “mas o que faz um quadro não é a tinta: são as ideias que moram na cabeça do pintor. São as ideias dançantes na cabeça que fazem as tintas dançarem sobre a tela” (p.77). E completa que “O bem mais cuidadosamente guardado, o bem que não se vende, são as ideias. É com as ideias que o mundo é feito” (p.78). O autor diz que as escolas existem “não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido” (p. 78). Ainda, o autor complementa sobre “terra firme: as milhares de perguntas para as quais as gerações passadas já descobriram as respostas. O primeiro da educação é a transmissão desse saber” (p.79). Alves (2000) destaca que a “tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje, e desejando, aprenda” (p.81).

Na décima terceira seção, “ensinar o que não se sabe”, narra a história de um mestre que leva o discípulo ao alto de uma montanha, mostra-lhe os caminhos e diz que tudo aquilo que ele vê o mestre já conheceu. Entretanto, vira-se para o outro lado e lhe dá o desafio que ele deve agora andar por caminhos que o mestre não andou. “Ensinou o que sabia. Agora chegou a hora de ensinar o que não sabe: o desconhecido (p.84). “Mas para essa aventura meus mapas não lhe bastam. Todos os diplomas são inúteis. Você terá de navegar dispendo de uma coisa apenas: os seus sonhos” (p.85). Para o autor, os alunos devem descobrir o prazer de ousar de descobrir coisas e não simplesmente receber o conhecimento, pois “foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham. Todo conhecimento começa com o sonho (p.87).

Na décima quarta e última seção do livro, conta que ganhou um carrinho artesanal “ganhei um carrinho de presente. Coloquei-o sobre minha mesa de trabalho “ ele me fez lembrar e sonhar” (p.89). Reflete ao olhar o carrinho “fosse um carrinho comprado em loja, e eu nada pensaria

seria como o meu lápis, o meu grampeador, a minha lâmpada, a minha cadeira. Mas basta olhar para o carrinho para eu ver o menino que o fez” (p.90). “Sei que o menino é pobre. Se fosse rico teria pedido ao pai, que lhe teria comprado um brinquedo importado. A riqueza, com frequência, não faz bem ao pensamento. Mas a pobreza faz sonhar e inventar” (p.91). O autor nos diz que o menino sabia pensar. “pensava bem, concentrado. É sempre assim. Quando o sonho é forte, o pensamento vem. O amor é o pai da inteligência. Mas, sem amor todo o conhecimento permanece adormecido, inerte, impotente” (p.93). Por “isso os

educadores antes de serem especialistas em ferramentas do saber deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos” (p.93).

Em nossa visão, está é uma obra de fácil entendimento, na qual o autor utiliza-se de uma linguagem simples e, por meio de comparações, leva os leitores a refletirem sobre modo em que o conhecimento vem sendo transmitido nas escolas. Nesse sentido, esse livro tem tamanha importância por levar o leitor a refletir sobre a profissão de docente e aponta reflexões críticas sobre o que vem sendo transmitido nas escolas de modo a suscitar reflexões acerca do conhecimento transmitido atualmente.

